

Muito além das palavras.

por Renata Vomero

Gustavo Piqueira lança seu 14º livro, ‘Seu azul’, que mostra por meio de diversas linguagens diferentes os defeitos das relações humanas e da sociedade.

Imagine ter a experiência de ler uma discussão de um casal, a partir de chamadas de notícias, ver desenhos que expressem a visão de uma criança sobre essa conversa e ainda sentir seus dedos rasparem na areia que reveste este livro, sentindo o desconforto de toda essa narrativa. Gustavo Piqueira conseguiu levar essa experiência para o seu leitor em Seu azul. Não é a primeira vez que o autor de 14 livros brinca com a sua formação de designer, em Iconografia paulistana ele colocou um espelho na capa do livro, “engraçado que esse livro ficou conhecido como o dos prédios feios de São Paulo”, comenta o autor. Gustavo mostra que ler pode ir muito além das palavras.

Você diz no livro que chegou à ideia da história lendo algumas chamadas de notícias, a partir disso como você chegou à narrativa do Seu Azul?

Faz algum tempo que algumas manchetes chamavam a minha atenção. A do Batman [Conheça cinco características do Batman que podem ajudá-lo a evoluir no trabalho], eu fiquei pensando ‘como pode? Ele não existe, não pode dar dicas’. A partir disso eu comecei a pensar em como as pessoas não se aprofundam nas questões. Existe uma necessidade de se ter opinião sobre tudo, mas acaba sendo puramente superficial. Foi aí que cheguei à ideia de ter um casal discutindo essas manchetes, eles até saem da temática, mas não vão muito longe. Não conseguem.

Quando você pensou na história, já pensou no design gráfico que viria com ela, como a forma que você usou as fontes, os desenhos, e a areia na capa?

É curioso, porque a fonte é um tom de voz. A gente usa uma fonte mais divertida para dar esse tom de voz ao texto, enfim. Assim, eu pensei que cada personagem teria a sua fonte, para que as pessoas pudessem identifica-los sem narração, conhece-los. Só tomei cuidado para não ficar uma caricatura. Como um complemento da narrativa. Também quando o homem está bêbado e suas falas ficam exprimidas, enfim. Também tem a capa revestida por areia, que é para causar um desconforto em quem está lendo, esse desconforto também vem com os desenhos de Alysso, que são divertidos, mas pesados. Tudo isso junto compõe a narrativa, todas essas linguagens se amarram para chegar ao todo da história. Eu sou um autor meio esquizofrênico, porque ligo a literatura, com o design, ilustração etc. Os meus livros representam isso.

No release, você diz que Seu Azul nada mais é do que um olhar para o mundo de hoje com o diagnóstico de falência múltipla dos órgãos, o que isso representa?

É um pouco dizer que não é só a mídia que erra e não está boa, as

peças e as relações delas também são ruins. É uma crítica à superficialidade generalizada.

Qual a crítica do livro às relações humanas?

Eu não tenho uma visão romântica das relações humanas, não vejo as pessoas de uma maneira florida. Acredito que todas as relações são pautadas pelo interesse, de qualquer tipo. O livro não generaliza, mas também não retrata um absurdo. Vemos muitas pessoas como o casal da história. É um olhar de pessoas esclarecidas, que pensam e agem de maneira estúpida.

Essas chamadas nos parecem bastante absurdas, apesar de reais, existe aí uma crítica ao jornalismo?

Não é uma crítica ao jornalismo, porque se estas chamadas e matérias estão ali, é porque as pessoas leem. Ninguém colocaria algo que não fizesse sucesso. As pessoas não estão procurando algo para fazer uma grande reflexão sobre, e o jornalismo reflete isso. Na verdade, eu usei essas chamadas reais para dar a dose de não ficção que eu queria.

Como você chegou ao personagem Alysso, o filho do casal?

Alysso surgiu como um caminho para deixar o livro mais leve, mas ao mesmo tempo trazendo um desconforto. Porque seus desenhos, apesar de serem divertidos, também são pesados. Eu não sabia o que ele ia desenhar, mas também não poderia ficar pensando muito, porque é uma criança de sete anos. Tinha que ser espontâneo.

Que reflexão você pretende que o leitor faça após ler o seu livro?

Não tem como saber, acredito que seja pretensioso tentar prever a reflexão das pessoas. Gostaria que cada uma tivesse a sua, não tive intenções. Claro, que fiz o livro porque queria falar algumas coisas, mas não para passar uma mensagem em si, se fosse para isso seria um livro chato.

Publicado na Revista da Cultura, em 01.11.2013.